

OS REPAROS DE F.M. NO ESQUADRÃO DE FUZILEIROS

Capitão JAYME PRESTES PACHECO

Instrutor de Tática de Cavalaria do C.R.A.O.

Oxalá possam servir à minha arma as presentes considerações a respeito da presença dos reparos de F. M. no Esquadrão de Fuzileiros.

Assunto bastante desenvolvido no Curso da E. A., nem por isso de muita difusão no seio da tropa, quiçá sujeito a controvérsias. Confesso que sou adepto entusiasta do emprego dos reparos naquele Esquadrão e com tristeza os veria imobilizados junto aos T. C. (N.º 24 da II Parte do R. E. C. C.).

A primeira consideração relativa ao assunto, que se nos apresenta, é sobre o fato de ser a nossa metralhadora o nosso F. M. com reparo. Trata-se, é certo, da mesma cousa; a idéia tática, porém, limitou o seu emprego nas mãos do fuzileiro. Entre as causas que o limitaram, a principal evidentemente reside na mobilidade que precisa ter o Pelotão de Fuzileiros para poder cumprir as suas missões.

Com efeito, a distribuição dos reparos aos fuzileiros implica na idéia de seu transporte e introduz a priori alguns reflexos importantes na instrução. Entretanto, em regra, nenhuma realização material antecede a idéia; esta, no caso, reside na ordem tática. Não é porque exista a metralhadora que se tornou possível crear a frente de uma posição uma barragem de fogos intransponível, mas precisamente porque a necessidade dessa barragem creou a metralhadora.

Isto posto, objetivemos a questão perguntando:

1.º — Qual a razão de ser da distribuição dos reparos ao Esquadrão de Fuzileiros ?

2.º — Que aspecto novo, em consequência, esse fáto em-
presta a instrução dos fuzileiros ?

3.º — Qual a interpretação que se deve dar ao n.º 24
da II Parte do R.E.C.C., já citado ?

Já se tem dito que a Ação Retardadora é o denominador
comum de todas as ações da CAVALARIA e a sua impor-
tância cresce a ponto de constituir uma propriedade sua

Buscar o contacto com o inimigo o mais longe possível
e depois manobrar em retirada sobre posições sucessivas,
pondo a frente de cada posição e na distância do limite eficaz
das armas, um sistema de fogos longinquos e uma cortina de
fogos tão densa quanto possível, tudo com o fim de ganhar
tempo, trocar espaço por tempo, obrigando o inimigo a desdo-
bramentos frequentes, — tal é a fisionomia da ação retarda-
dora onde o que é capital é o não deixar aferrar-se.

Ora, enquadrado ou isolado, o Esquadrão de Fuzileiros
participará dessa operação ou isolado, o Esquadrão de Fuzi-
leiros participará dessa operação, seja no Quadro da D.C.,
seja no Quadro do R.C.D.

Além disso, esse propósito deliberado de ganhar tempo
não existe apenas quando se dispõe de espaço para ceder ao
inimigo; se tem outras vezes em operações assaz comuns
para o Esquadrão. Então, se trata de retardar a progressão
do inimigo baseado exclusivamente num sistema de fogos
ajustados onde como que nossa arma renuncia a propria mo-
bilidade.

Se na ação retardadora o capital é o não deixar afer-
rar-se, não é menos certo que o aferramento não exclue a
segurança onde nem sempre se póde permutar espaço por
idéia do ganhar tempo, como no caso dos destacamentos de
segurança onde nem sempre se pode permutar espaço por
tempo, mas, correndo o risco que uma conduta prefixada
impõe, há o interesse em se retardar o inimigo desde que se
apresente ao alcance eficaz das armas da defesa. Conclue-se
do exposto, a falar certo, que um Esquadrão de Fuzileiros
não poderá cumprir essas missões se não dispuzer de metra-
lhadoras de reforço.

Mas, como nem sempre poderá ser reforçado, segue-se que terá as mesmas necessidades de fazer tiros longíquos e a mesma oportunidade de utilizar ao máximo a potencia de seu armamento.

Alienar essa oportunidade quando o F.M. sobre reparo é bastante para permitir atuar eficientemente e cumprir aquelas missões, seria admitir procedimento homologado ao motorista que dispondo de um excelente carro perdesse uma corrida por usar a mudança de tração em vez de fazê-lo para a de velocidade.

Ora, a necessidade de fazer tiros longínquos no limite da alça, muito longe do inimigo para que a impedimenta dos reparos comprometa sua mobilidade ou a conduta que lhe foi traçada, impõe a distribuição dos reparos ao Esquadrão de fuzileiros, que usará assim o número de F.M. necessários a realização daqueles tiros. E mais, usa-os-á, não apenas na ação retardadora, enquadrado ou isolado, ou nos Destacamentos de Segurança onde houver a idéia de ganhar tempo, mas até nos agrupamentos da base de fogos, para reforçando a ação das metralhadoras assegurar a superioridade de fogo, e, ainda, mesmo que a conduta seja de resistência, nos Postos avançados, realizando tiros nos intervalos e flanqueamentos, dispostos atrás da linha de Resistência, nos "Pontos importantes do terreno" (N.º 125 da III Parte do R.E.C.C.).

E' evidente que a presença do reparo nas mãos do fuzileiro, empresta um novo aspecto a sua instrução. Além da instrução de fuzileiro, comum a todas as praças do G.C., e aquela de fuzileiro de escól, trata-se também de exercitá-lo na colocação rápida do F.M. sobre reparo; exercitá-lo na preparação do tiro diréto a vista e no limite da alça, e do tiro mascarado; ensinar-lhe a regulação do tiro; dar-lhe as noções completas sobre o regime de tiro; ensinar-lhe a amarração do tiro, assim como principalmente a agir em equipes de 2 F.M. na realização da alternancia das peças.

Não se trata, é certo, de complicar a sua instrução ensinando-lhe o uso da luneta, pois que não atirarão os fuzileiros além do limite da alça, tiro diréto e a vista. Não se trata

ainda de organizar "Secções de Metralhadoras", mas equipes de fuzileiros de escól capazes de atirar com F.M. sobre reparo e de realizar a alternancia das peças quando necessária. Trata-se de um emprego em carácter de emergência toda vez que se precise produzir fogos para ganhar tempo, satisfazer uma imposição de conduta ou, no ataque, concorrer com as metralhadoras na base de fogos.

Afinal, não há novidade, propriamente, nesta instrução. Ainda há pouco se faziam os fuzileiros receber instruções de metralhadora no Esquadrão de Metralhadoras. Entretanto, a necessidade de que os fuzileiros possam agir como metralhadoras persiste, pois que é no Esquadrão de Fuzileiros que o Esquadrão de Metralhadoras recrutará atiradores e muniçadores para preencher seus claros no combate.

Diz o n.º 24 da II Parte do R. E. C. C.: "Os reparos quando distribuidos aos Esquadrões de Cavalaria, constituirão um grupamento junto aos T. C. do Esquadrão".

"Quando", importa em dizer **que nem sempre** são distribuidos; e, **quando distribuidos**, ficam nos T. C., onde constituirão um agrupamento".

Essa é a tradução da letra do Regulamento.

Mas, constituir **um grupamento de reparos** ?

Para que ?

Sabemos que nos T. C. há 2 F. M. de reserva. Acrescendo a esses F. M. os seus reparos, efetivamente teremos constituido **um grupamento de tiro** capaz de alí msmo, junto aos T. C. e dos cavalos de mão — se incumbir da defesa contra ataques aéreos em vôo baixo e concorrer com eficiência na segurança dos cavalos de mão.

Mas, e os outros reparos ? — Sabemos que nas viaturas não há lugares para transportá-los. Além disso, se houvesse, os reparos não poderiam acompanhar o Esquadrão em todos os terrenos, e o Esquadrão nã disporia dos reparos senão junto aos T.C. Logo somos forçados a confessar, que não está regulado o transporte dos reparos, no número citado do R. E. C. C. Mas, a presença do reparo no Esquadrão, já vimos, é neces-

sária; nem por isso, os fuzileiros deixarão de saber utilizá-lo, visto que a sua instrução será completada.

Onde, pois transportar os reparos ?

Responde, o Regulamento (n.º 29 — II Parte): “Conduzidos em cargueiros poderão passar em atalhos abertos no mato e nas encostas das montanhas onde seria impraticável às viaturas; ao contrário, seus deslocamentos a galope, não são possíveis senão em pequenos percursos”.

Ora, se às Metralhadoras, onde é maior a impedimenta, o Regulamento faculta um transporte em cargueiro, é evidente que para os fuzileiros, com mais forte razão, o transporte se dará em cargueiro. Demais, no Esquadrão de Fuzileiros, para que os movimentos sejam duradouros, não haverá grandes percursos a galope, pois não é normal senão na carga, ação muito excepcional onde um reparo não o acompanhando também não o acompanharão os F. M. e munição em cargueiro. O combate normal é pelo fogo, e a pé. Ao geral se subordina o particular.

Pelo que se viu anteriormente, o reparo só poderá servir ao Esquadrão, se for transportado em cargueiro, capaz de acompanhá-lo em qualquer terreno como o acompanham seus F.M. e a sua munição.

Além disso, se atentarmos para as dificuldades do remuniciamento ligado às particularidades das nossas estradas, pelo menos, num cargueiro para cada reparo, ainda seria impossível o transporte de mais dez bolsas de munição, ou sejam, mais dois mil quinhentos e sessenta tiros, além do existente, transportado pelo Pelotão.

Do exposto resume-se que:

Para que um Esquadrão de Fuzileiros possa cumprir rigorosamente uma missão onde domine a idéia de ganhar tempo, é indispensável:

- 1.º — Que lhes sejam distribuídos os reparos de seus F. M..
- 2.º — Que a instrução dos fuzileiros tenham um aspecto novo.

- 3.º — Que os reparos de F. M. sejam transportados em cargueiro, no próprio G.C. ou no Grupo Extranumerário do Pelotão.

Conclue-se, de resto, que não se trata para o Esquadrão de cumprir uma missão particular ou eventual, pois a idéa de ganhar tempo está no denominador comum de todas as ações da nossa ARMA.

Rio, 26-VII-942.

Biblioteca da "A DEFESA NACIONAL"

Livros à venda:

Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	9\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	11\$000
Leis gerais da Língua Portuguesa — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira	6\$500
Legiões Aladas — Italo Balbo	16\$000
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Artur Paulino	17\$000
Legislação sobre Su-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria	2\$000
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda	10\$000
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antônio P. Lira	19\$000
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	9\$000
Manobras de Nioac — Gal. Klinger	5\$000
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benício da Silva	21\$000
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo	16\$000
Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino	6\$000
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	13\$000
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	3\$500
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	9\$000
Ortografia Simplificada Brasileira — Gal. Klinger	4\$500
O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha durante uma ação dum regimento de infantaria (caso concreto) — Cap. Geraldo Cortes	10\$500
Organização de Competições entre equipes. — Cap. Jair	3\$000
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benício da Silva	11\$000
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	9\$000
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	2\$000
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5\$000
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima	4\$000
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	7\$000
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	6\$500